

ALGUNS COMENTÁRIOS SOBRE O DISCURSO DO MÉTODO, DE DESCARTES

Cócis Alexandre dos Santos Balbino*

Resumo: O presente texto tem como objetivo apresentar uma análise dos pontos principais da obra mais famosa de Descartes: o *Discurso do Método*. O trabalho faz uma contextualização histórica do ambiente europeu no século XVI, evidenciando as contradições do sistema feudal decadente, incompatível com a nova situação econômica-social-cultural do Renascimento. Neste contexto, surge Descartes, que com criatividade e originalidade, sistematiza um método que consegue tirar a humanidade do “nó metodológico” imposto pelos céticos, contribuindo para a construção de um novo paradigma, e inaugurando uma nova fase para a ciência.

Palavras-chave: Idade Média, crise de paradigmas, Filosofia Cartesiana.

* Mestrando em Educação pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: cocis@dresser.com

Introdução

O presente texto tem como objetivo trazer ao debate, para o campo da educação, uma análise de alguns dos pontos principais da obra mais famosa de Descartes: o *Discurso do Método*. A escolha do filósofo francês para elaboração deste trabalho, fruto de uma pesquisa criteriosa, baseia-se em dois motivos principais. Há muito desejava fazer um estudo da vida e da obra de Descartes, tendo como eixo central o argumento do *Cogito*, encontrado na obra supra citada. No curso técnico realizado no CEFET – RJ, no início da década de 80, a utilização do sistema de coordenadas cartesianas era corriqueiro para um sem-número de demonstrações e resoluções matemáticas. Foi desta forma que eu e vários adolescentes de então fomos formalmente apresentados a Descartes. Pouco tempo depois tomei conhecimento que aquele sistema e o famoso *Cogito ergo sum* tinham ligação com a mesma pessoa. Desde então convivi com a curiosidade de saber mais sobre o pensador que se destacara tanto na filosofia quanto nas matemáticas. Esta curiosidade transformou-se em desejo, resultando em uma pesquisa bibliográfica, que em parte apresento aqui.

O segundo motivo foi a necessidade de compreender a crise de paradigmas que se abateu na Europa com o declínio da Idade Média, e a forma como cientistas e filósofos contribuíram, tanto para a demolição de um velho sistema de crenças, quanto para a construção de um novo conjunto de valores, que fez da ciência o ponto de partida de todo o conhecimento *verdadeiro*, figura emblemática de um sistema vigente até os dias de hoje. Descartes foi aquele que, a partir do domínio do conhecimento disponível nos colégios de seu tempo, provoca uma reviravolta na maneira de se compreender o mundo, ao propor, em oposição ao ceticismo predominante em seu tempo, uma solução, ao mesmo tempo criativa e metodologicamente coerente, para o impasse no qual o homem se encontrava.

O Mundo de Descartes

Durante quase vinte séculos o homem ocidental acostumara-se a enxergar o mundo segundo um determinado conjunto de preceitos

éticos, filosóficos, científicos, estéticos, elaborados ainda na Antiguidade Clássica, e em torno dos quais desenvolveram-se relações culturais, econômicas e sociais complexas. Mas a partir do século XII, o sistema feudal, predominante em toda a extensão européia onde outrora florescera o Império Romano, começa a entrar num lento processo de transformação, impulsionado por fatores diversos, ao longo dos trezentos anos seguintes. Geralmente caracterizado como um sistema baseado na obrigação servil, no qual a produção era auto-suficiente, pois se destinava ao consumo e não à troca; onde a sociedade era estamental, pois cada indivíduo estava preso ao seu *status* (era pertencente à nobreza, ao clero ou era servo), não havendo, portanto, mobilidade social; e por um poder político local, descentralizado em relação ao rei, e monopolizado pelos senhores feudais, o feudalismo manteve-se hegemônico enquanto reinava a insegurança na Europa, devido às invasões (germânicas, normandas, muçulmanas). A relativa estabilidade causada pelo fim das invasões gerou uma crise no sistema, praticamente devido a dois fatores: o aumento da circulação de mercadorias, levando à procura por sistemas de cultivo da terra mais eficientes, acarretando também um significativo aumento populacional, e o desenvolvimento do comércio de longa distância, ocorrido justamente em função do crescimento da produtividade agrícola. No bojo da crise do sistema feudal, um novo paradigma produtivo começa a dar sinais de surgimento, e a Europa entra na fase pré-capitalista.

A diminuição das ondas invasoras trouxe mais segurança ao homem medieval, que começou a escoar seu excedente de produção, inicialmente nas proximidades do feudo. Com o passar do tempo, as trocas evoluíram até atingirem toda uma região, chegando a abranger o país por inteiro. Um pouco depois, as trocas tornaram-se internacionais. A segurança mais efetiva nas vias de comunicação (estradas e rios) possibilitou o transporte da produção excedente para outros mercados, favorecendo o aumento do consumo e a demanda por mais alimentos. A relativa estabilidade e o incremento do comércio possibilitaram o aumento da população; o aumento da população levou à necessidade do aumento da produção agrícola, cujas técnicas utilizadas no plantio e na colheita eram adequadas a uma economia baseada no consumo entre os membros do feudo, e não na troca alhures.

Neste ambiente em que a estaticidade do sistema feudal é gradativamente substituído pelo dinamismo das relações comerciais, começam a ocorrer diversas mudanças tecnológicas, inclusive na agricultura, contribuindo para o aprofundamento da crise. Dentre estas mudanças, aquela que é apontada como responsável direta por um fantástico aumento na produção campestre: a substituição do sistema de cultura em dois campos pelo sistema de rodízio em três campos. Inicialmente, a maneira pela qual a terra era utilizada se caracterizava no cultivo da mesma porção de terra ao longo do ano, acarretando o rápido esgotamento do solo, e conseqüentemente, passado algum tempo, sua inutilização para a agricultura. No sistema de rodízio em dois campos, metade da terra, depois do cultivo, permanecia em repouso para recuperação de sua fertilidade.

Com a introdução do sistema de rodízio em três campos, houve uma mudança significativa no *modus operandi* agrário. A terra passou a ser dividida em três partes de iguais dimensões, e a plantação das culturas passou a ser feita em dois campos, em conformidade com as estações do ano mais propícias ao cultivo de cada cultura (outono e primavera), ficando o terceiro campo em pousio. Operava-se então um rodízio na utilização dos campos: para aquele que, no primeiro ano, fora cultivado uma cultura de outono, no ano seguinte era cultivado uma cultura de primavera, ficando, no terceiro ano, em repouso. Em cada campo estas fases eram alternadas.

A aparente simplicidade desta inovação técnica acarretou um aumento fantástico da produtividade agrícola: “O sistema de rodízio em três campos propiciou o aumento em cerca de 50% do rendimento das culturas praticadas em qualquer período do ano, na mesma extensão de terra arável” (HUNT & SHERMAN, 1987, p. 24).

Outras transformações na base técnica foram verificadas neste período, devido ao aumento da produção na agricultura¹: a substituição de bois por cavalos nos trabalhos agrícolas contribuiu para o aumento da extensão das áreas cultivadas, possibilitando o abastecimento de centros populacionais mais densos. Permitiu também a melhoria do processo de aragem da terra, com a diminuição do número de homens necessários ao serviço, e tornou o transporte de homens, mercadorias e equipamentos muito mais eficiente. Todos estes fatores,

combinados, favoreceram primeiramente a aceleração do crescimento populacional, e num segundo momento, em decorrência deste, ao aumento da concentração urbana. No ano de 1300 floresciam cidades por toda a Europa, num processo que iria aprofundar o enfraquecimento da hegemonia dos senhores feudais, evidenciar a dicotomia cidade-campo, e fortalecer o novo paradigma emergente.

O processo de aumento da densidade populacional nas cidades continuou nos séculos seguintes, contribuindo para a formação de importantes centros comerciais pela Europa. É neste ambiente de inovações, transformações e incertezas, num estágio pré-capitalista da história européia, que nasce o filósofo francês.

René Descartes nasceu em 31 de março de 1596 em La Haye, atual Descartes, perto de Tours, na França. Um ano após seu nascimento, em 1597, morre sua mãe, Jeanne Brouchard, e Descartes é criado por sua avó materna. Aos dez anos, em 1606, é internado no colégio jesuíta de La Fleche². Os Descartes eram burgueses dedicados ao comércio e à medicina, e através da ligação aos Sain e aos Brochard, tornaram-se proprietários de terras e ascenderam socialmente. O pai de Descartes, Joachin, é identificado como conselheiro do rei no Parlamento da Bretanha na ata de batismo de seu filho René³. Esta origem burguesa é identificada por muitos estudiosos do pensamento de Descartes como tendo exercido uma influência decisiva em sua filosofia. De fato, Descartes contesta a filosofia clássica, inaugura um novo método investigativo para a ciência, mas não ousa opor-se, contestar ou desafiar a ordem estabelecida, representada por suas duas instâncias máximas: o Estado e a Igreja.

A crise do sistema feudal chega ao século XVI, e suas consequências lhe são devastadoras. A visão de mundo do homem medieval sofre uma profunda transformação, pois todas as áreas da vivência humana são atingidas por uma onda de contestação e descrédito:

Tudo é sacudido ou destruído: a unidade política, religiosa e espiritual da Europa; as afirmações da ciência e da filosofia medievais, calcadas principalmente em Aristóteles; a autoridade da Bíblia, posta em confronto com os dados das novas descobertas científicas; e o prestígio da Igreja e do Estado, abalado pelo movimento da Reforma e pelas guer-

ras motivadas por dissidências políticas ou religiosas (OS PENSADORES – DESCARTES vol. I, 1987, p. VIII).

A plena aceitação, defesa e comprovação por Galileu Galilei (1564–1642) do sistema cosmológico proposto pelo astrônomo polonês Nicolau Copérnico (1473–1543) constituiu-se no mais duro golpe à tradição vigente e às instituições que nela se estruturavam. Oposto ao sistema elaborado pelo astrônomo, matemático e geógrafo grego Cláudio Ptolomeu (séc. III), aceito desde então, que colocava o sol e todos os planetas girando em torno da Terra, o heliocentrismo provocou uma violenta reação por parte da Igreja, que exigiu de Galileu, em 1633, a renúncia pública às suas idéias em troca da comutação de seu sacrifício na fogueira. Galileu curvou-se à pressão religiosa para continuar vivo e para dar continuidade a seus estudos e pesquisas, sem, porém, publicá-los. Mas se naquele momento a Igreja aparentava ter obtido uma vitória contra um posicionamento herege e desagregador, na verdade tal posicionamento evidenciava “[...] muito mais que a formulação de uma nova teoria científica que vinha tomar o lugar de teorias tradicionais” (MARCONDES, 1994, p. 17). O heliocentrismo colocava na ordem do dia a contradição entre a concepção de mundo de um sistema no qual o homem posicionava-se no centro do universo, apoiado pela tradição, e a evidência de que esta concepção chocava-se frontalmente com as descobertas de então, e com as questões trazidas pela já *quase* presente modernidade. O choque nas ciências era, na verdade, parte de uma profunda ruptura na ordem estabelecida até então, que abrangia, inclusive, as concepções filosóficas vigentes.

O ceticismo tomava conta das mentes de alguns intelectuais da época. Três deles expressam o sentimento de inquietação e desconforto do homem renascentista, frente à chegada do novo: o alemão Agripa de Nettesheim (1487–1535), que proclama a incerteza das ciências; o português Francisco Sanchez (1552–1632) médico que lecionara em Montpellier e Toulouse, na França, e que revela-se adversário das doutrinas aristotélicas e adota a dúvida como recurso metodológico; e Michel de Montaigne (1533–1592), francês, o filósofo que melhor sistematizou as argumentações do ceticismo. Montaigne questiona a possibilidade de o homem derivar as leis do universo a

partir de si próprio, ele mesmo, incapaz de compreender-se integralmente:

Quem ensinou ao homem que as maravilhosas rotações da abóboda celeste [...] foram instituídas para sua comodidade e servidão, e mantêm-se para ele e graças a ele através dos séculos? Existirá algo de mais ridículo do que a fatuidade dessa pobre e miserável criatura, que sequer é dona de si mesma, ao considerar-se dona do universo, cuja parte mínima é capaz de conhecer, menos ainda de dominar? (OS PENSADORES – MONTAIGNE vol. I, 1987, p. XIV).

Ao indagar a possibilidade de se derivar as leis reguladoras do universo a partir do fragmento (o homem), Montaigne desloca o centro da questão, invertendo os termos do problema, pois torna raiz de dúvida justamente o homem, aquele que artistas e estetas posicionaram no centro do Renascimento.

No final do século XVI começa a haver um movimento contra o ceticismo, na busca de se sair do “impasse metodológico” no qual a ciência mergulhara com a “ruína” da Idade Média e das tradições do mundo antigo. Era necessário fundamentá-la com um método que fosse seguro, à prova dos erros do passado, e inaugurar uma nova fase, que desse sustentação às recentes descobertas e que guiasse a humanidade num caminho pavimentado pela certeza.

Descartes publica o *Discurso do Método* em 1637, após ter reconsiderado a decisão de nada mais publicar, tomada após o conhecimento da condenação de Galileu. Ele justificará no próprio *Discurso* a revogação de sua decisão num movimento contraditório: apesar da fé depositada na construção individual do conhecimento, expressa na afirmativa “[...] não há tanta perfeição nas obras compostas de várias peças, e feitas pelas mãos de diversos mestres, como naquelas em que um só trabalhou” (OS PENSADORES - DESCARTES v. I, 1987, p. 34), ele percebe que a tarefa de levar adiante o aperfeiçoamento da ciência é por demais pesada para apenas um homem. As dificuldades engendradas pela finitude e estreiteza da vida, pelas próprias limitações do cientista e/ou filósofo que se impõe esta tarefa⁴, e pela dificuldade na realização dos experimentos necessários⁵, o obri-

gam a recorrer a outros espíritos que, pelo amor à verdade, se dispõem a continuar a tarefa por ele iniciada. Assim, Descartes revela o intuito de:

[...] comunicar fielmente ao público todo o pouco que já tivesse descoberto, e convidar os bons espíritos a esforçarem-se por passar além, contribuindo, cada qual segundo sua inclinação e seu poder, para as experiências que seria preciso fazer, e comunicando outrossim ao público todas as coisas que aprendesse, a fim de que os últimos comessem onde os precedentes houvessem acabado, e assim, juntando as vidas e os trabalhos de muitos, fôssemos todos juntos muito mais longe do que poderia ir cada um em particular (OS PENSADORES – DESCARTES vol. I, 1987, p. 64).

Descartes tinha plena certeza de ter encontrado o *caminho infalível* até a ciência, demonstrando plena confiança em seu método e nas soluções por ele encontradas. Com estas palavras, esperava sensibilizar os leitores para a missão que ele abraçara com tanta dedicação, e fazer com que eles utilizassem o método, aceitando-o de boa vontade. Esta sua estratégia de convencimento é bastante peculiar: mesmo na tentativa de persuasão com o intuito de arregimentar espíritos para a continuidade de suas pesquisas, Descartes imprime um tom impessoal às palavras, e joga sobre o leitor a responsabilidade de aderir ao novo e de continuar a pavimentação da estrada rumo ao conhecimento.

O Método Cartesiano

O método proposto por Descartes tem na razão o seu fundamento. Na primeira parte do *Discurso do Método*, logo no início, ele afirma: “O bom senso é a coisa do mundo melhor partilhada [...]”. (1987, p. 29).

O bom senso – a razão – constitui-se no elemento central de sua filosofia, pois, em sua análise, é um bem comum a todos os homens; a substância a qual todos somos dotados por igual, capacitam-

do-nos então ao discernimento entre o que é certo e o que é errado, e concedendo-nos o poder do julgamento das diversas situações que se nos apresentam. Se há opiniões discordantes, ou até mesmo díspares, sobre determinado tema ou questão, tal se deve, segundo Descartes, ao fato de utilizarmos caminhos (métodos) diferentes uns dos outros, de seguirmos por vias diversas, e por não levarmos em consideração as mesmas coisas. Jamais a diversidade de opiniões se deveria ao motivo de haver homens que fossem mais racionais que outros, pois que todos os homens compartilham da razão. Desta feita, o filósofo, consoante com o sentimento de contestação e incredulidade predominante em seu tempo, descarta a tradição na qual caminhava a ciência, para anunciar uma nova via, mais segura e melhor pavimentada.

Tendo sido mandado logo aos dez anos para o já, na época, célebre colégio jesuíta de La Flèche, ele recebeu uma educação conservadora, de profundo espírito religioso, e imbuída de um forte apego e respeito às tradições e de submissão às instituições políticas. Segundo Gaukroger (1999, p. 69):

[...] La Flèche era uma 'instituição total', no sentido de que, enquanto se estava ali, a vida inteira girava em torno do mundo da instituição. Nessas escolas, as normas que regiam a vida cotidiana abrangiam tudo, desde o currículo e as responsabilidades individuais dos professores até detalhes tão ínfimos quanto a quantidade de sal a ser usada nos alimentos. Os principais enunciados dessas regras encontram-se [...] no *Ratio Studiorum* [...]. Eles não mantinham praticamente nenhuma relação com os pais enquanto estavam no colégio, só obtendo permissão para visitá-los em casos gravíssimos. Submetiam-se exclusivamente à autoridade de seus professores. Nos primeiros anos, tinham férias anuais de quatro semanas, que iam sendo gradativamente reduzidas até chegarem a uma semana [...].

Os primeiros cinco anos de ensino eram quase exclusivamente dedicados ao estudo do latim, ao grego e à literatura clássica. O latim era a *língua oficial* do estabelecimento, e conversar com os colegas na língua vernácula era motivo de punição. Nos três anos seguintes estudava-se o currículo filosófico, estruturado ainda em torno de uma

codificação das sete artes liberais (o *trivium* – as “artes verbais”: gramática, retórica e dialética, e o *quadrivium* – as “artes matemáticas”: aritmética, música, geometria e astronomia) desenvolvida pelos enciclopedistas latinos dos séculos V e VI, mas com significativas reformulações, tanto na forma quanto no conteúdo⁶. O currículo filosófico de La Flèche era constituído da dialética no primeiro ano, filosofia natural e matemática no segundo, e metafísica e ética no terceiro.

A estruturação do ensino medieval, conforme exposto acima, era de total anacronismo para a época. O homem libertava-se das amarras, dos medos e inseguranças que o haviam mantido praticamente imóvel por séculos, desde a queda do Império Romano do Ocidente, e precisava de respostas adequadas às perguntas formuladas num mundo novo. Descartes mergulha nos estudos em La Flèche em busca de um *conhecimento claro e seguro de tudo o que é útil à vida*, mas não encontra. Ele irá expor o choque entre o conhecimento ministrado à época, ainda totalmente marcado pelos ensinamentos dos antigos, e as necessidades do mundo renascentista. Dará ênfase ao mundo contemporâneo, às informações e conhecimentos advindos de seu tempo presente, ao contato com os homens viventes de então, mesmo que de outras nacionalidades. Renegará a história, as *ciências dos livros* desprovidas de demonstrações, privilegiando a razão. Desprezará o conhecimento herdado da tradição, repleto de preconceitos e de opiniões tão suspeitas quanto inúteis. Descartes romperá com os antigos, com a tradição, pois, acreditando já ter dedicado tempo suficiente às línguas e leituras dos livros antigos, às histórias e às fábulas, dirá que *quase o mesmo que conversar com os de outros séculos, é o viajar*.

A Cadeia de razões

À lógica e ao seu instrumental analítico correspondente, que remontava a Aristóteles, o filósofo francês propõe quatro preceitos básicos para dar início à nova construção do conhecimento, aqui descritas no tempo presente⁷: nunca aceitar como verdadeiro alguma coisa que não se possa reconhecer como tal através de evidências, ou

seja, evitar a precipitação (julgamento antes de se chegar à evidência) e a prevenção (persistir com as velhas noções e preconceitos), e somente incluir em seus juízos aquilo que se lhe apresenta de forma absolutamente clara e distinta, de maneira que não se possa de modo algum pôr em dúvida. O segundo preceito é a divisão das dificuldades que se apresentem em tantas parcelas quantas sejam possíveis e necessárias à sua resolução. Na verdade, não se trata apenas da divisão, mas da decomposição até os elementos mais simples, cuja combinação posterior resultará na solução. O terceiro preceito é a condução do pensamento numa determinada ordem, num seqüenciamento que considere primeiramente os objetos mais simples e mais fáceis de se conhecer, passando gradativamente aos mais complexos, e supondo uma ordem entre aqueles que não se precedem naturalmente uns aos outros. A ordem, o seqüenciamento, é a garantia da possibilidade de se montar a cadeia e de se construir o conhecimento partindo daquilo que se apresenta *evidentemente* como mais simples. O último preceito é o da constante revisão do conhecimento adquirido, à medida que se vá construindo e montando a cadeia.

A partir das cadeias de razões, começando-se do mais simples e fácil, pode-se chegar ao conhecimento do que se apresenta como mais complexo e difícil. Descartes insere a matemática em seu método, uma vez que a considerava mesmo mal empregada em seu tempo. Segundo ele, as ciências matemáticas eram as únicas que, incontestavelmente, apresentavam soluções *certas e evidentes*.

Antes de apresentar estas proposições, Descartes alude à construção do conhecimento, numa passagem previamente citada neste trabalho, referindo-se à beleza e à perfeição da obra iniciada e acabada por um único mestre. Cita os originariamente burgos, em torno dos quais desenvolveram-se cidades, na sua concepção, “[...] tão mal compassadas, em comparação com essas praças regulares, traçadas por um engenheiro à sua fantasia numa planície” (OS PENSADORES – DESCARTES. vol. I, 1987, p. 34), enxergando a irregularidade das construções feitas ao acaso⁸. Em contraposição à realidade pré-existente, o filósofo mostra uma concepção de mundo que privilegia o novo, onde as construções deveriam seguir a precisão matemática das linhas retas, dos ângulos vivos, onde a materialidade fosse antes

inteiramente concebida na mente de um arquiteto, engenheiro, um idealizador que fosse capaz de conceber formas harmoniosas e precisas. Em suma: Descartes propõe um sistema no qual a razão está no cerne, e que guiaria todas as ações humanas, devendo prevalecer sobre as relações materiais que se constituíram até aquele momento.

Mesmo as casas e cidades construídas sobre as ruínas de outras, sobre as bases de civilizações antigas, não apresentam a mesma harmonia daquelas as quais se iniciou do abstrato. O ideal seria a completa derrubada das construções e casas, das cidades e praças, para o erguimento de uma nova vida, um novo mundo, uma nova ciência, calcada na razão humana, tendo por via expressa um método seguro e infalível. Mas, contraditoriamente, o filósofo defenderá a manutenção da ordem, e refutará o caráter revolucionário de suas idéias, retirando de sua filosofia qualquer alusão às questões sociais e políticas, dando-lhe um viés conservador. No *Discurso do Método*, logo após afirmar a supremacia das obras trabalhadas por um só mestre em detrimento daquelas compostas de várias peças e trabalhadas por vários mestres, e apesar de reconhecer que

[...] muitos derrubam as suas (casas) para reconstruí-las, sendo mesmo algumas vezes obrigados a fazê-lo, quando elas correm o perigo de cair por si próprias, por seus alicerces não estarem muito firmes, [ele diz que] [...] verdadeiramente não seria razoável que um particular intentasse reformar um Estado, mudando-o em tudo desde os fundamentos e derrubando-o para reerguê-lo [...] (IBID., p. 35).

Da mesma forma, um pouco mais adiante, quando fala da necessidade de uma *moral provisória* para bem conduzir-se na vida (e vivê-la o mais feliz possível) enquanto se reelabora a própria vida, Descartes inicia seu argumento considerando que, assim como não basta antes de se iniciar a reconstrução da casa, derrubá-la sem antes ter se alojado confortavelmente numa outra⁹, também não é possível permanecer, de forma irresoluta, convicto de suas próprias razões, imerso em seus próprios juízos, num mundo onde as diretrizes são outras. Para bem viver, o mais feliz e confortável que pudesse, o filósofo inicia a descrição desta moral conforme se segue: “A primeira

(máxima) era obedecer às leis e aos costumes de meu país, retendo constantemente a religião em que Deus me concedeu a graça de ser instruído desde a infância [...]” (IBID., p. 41).

Ele preconiza também afastar-se de quaisquer radicalismos, de todo e qualquer excesso, e de aproximar-se sempre das opiniões mais moderadas e dos espíritos mais sensatos. Desta forma ele expõe o caráter contraditório de uma filosofia que, ao mesmo tempo que oferece uma saída original para o impasse metodológico da época, fugindo inclusive do ceticismo tão bem expresso por Montaigne, propõe a submissão às autoridades constituídas, e se exime de quaisquer considerações políticas e sociais.

O Cogito

Conforme dito anteriormente, havia um clima de ceticismo na Europa na época de Descartes. O mundo contemporâneo e as questões por ele suscitadas demandavam respostas que a tradição clássica não conseguia dar. As descobertas científicas aliadas às descobertas de outras civilizações noutros continentes, vivendo de maneira muito diversa do *modus vivendi* europeu medieval, contribuíram para esta situação. Além disso, o Estado e a Igreja haviam perdido muito de seu prestígio devido ao envolvimento em guerras e em crises motivadas por disputas religiosas. Montaigne, conforme já visto, questionara a capacidade do homem, que mal conhecia a si próprio, em conhecer as coisas em seu redor, e de construir algum sistema tendo como base a noção da sua predominância sobre o universo. Com isso, negava-se na prática toda a possibilidade de construção de algum conhecimento tendo no homem a origem, ao mesmo tempo em que se negava a tradição e o conhecimento dos antigos.

Na busca pela verdade, e seguindo o princípio estabelecido na cadeia de razões, Descartes resolve seguir o caminho dos cétricos e adota a dúvida como recurso metodológico. Ele havia verificado a influência dos costumes na vida cotidiana, percebendo que, não raro, somos obrigados a *seguir opiniões que sabemos serem muito incertas, tal como se fossem indubitáveis*. Assim, ele radicaliza a dúvida, rejeitando como falso tudo o que fosse passível de se duvidar, e verifi-

ca então se havia restado alguma coisa absolutamente indubitável. Descartes rejeita o conhecimento material, sensível, porque os sentidos podem nos enganar. Rejeita o conhecimento dos antigos, que ele recebera até então, pois, em verdade, mesmo os homens mais sábios podem enganar-se até das coisas mais simples. Rejeita até mesmo o conhecimento advindo de suas próprias observações, pois que poderia ocorrer que parte deles tivesse origem enquanto dormia, em seus sonhos, sem que houvesse qualquer um que fosse verdadeiro.

Mas ao proceder desta maneira, percebe algo até então camuflado por todo o conhecimento anterior e por toda a dúvida: era inegável que, enquanto duvidava, ele pensava. Descartes podia duvidar de tudo, do tangível e do intangível, podia duvidar da realidade de fato e de direito, mas era indubitável que este movimento só era possível porque pensava. E se pensava, ele haveria de ser alguma coisa.

E, notando que esta verdade: eu penso, logo existo, era tão firme e tão certa que todas as demais extravagantes suposições dos céticos não seriam capazes de a abalar, julguei que podia aceitá-la, sem escrúpulo, como o primeiro princípio da Filosofia que procurava (IBID., p. 46).

Em seguida, Descartes determina o primado da razão sobre a matéria: ao constatar que tudo o que o cerca poderia não existir de fato, ele uma vez mais confirma a sua própria existência a partir do pensamento. E se tal fosse verdade (a inexistência do mundo), ele ainda seria alguma coisa, porque duvidava, ao passo que se não fosse capaz de pensar, mesmo que tudo que o cercava fosse verdadeiro, ele já não teria razão em acreditar que algum dia tivesse existido. Desta feita, ele atinge a compreensão de si próprio, e afirma ser:

[...] uma substância cuja essência ou natureza consiste apenas no pensar, e que, para ser, não necessita de nenhum lugar, nem depende de qualquer coisa material. De sorte que esse eu, isto é, a alma, pela qual sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo e, mesmo, que é mais fácil de conhecer do que ele, e, ainda que este nada fosse, ela não deixaria de ser tudo o que é (IBID., p. 47).

Descartes constrói toda a sua filosofia a partir do *cogito*, que na verdade não é uma construção filosófica, mas uma constatação. Ele aplica seu teorema da cadeia de razões, e verifica o que é necessário para que uma proposição seja verdadeira e certa. Percebendo que na afirmativa *eu penso, logo existo*, o que lhe assegurava que dizia a verdade era exatamente que via mui claramente que para pensar era preciso existir, assume a regra de que as coisas que são concebidas muito clara e muito distintamente são todas verdadeiras.

Cumprе salientar qual o passo seguinte do filósofo francês. Após as considerações acerca da razão, Descartes procura entender de onde provém a idéia de um ser mais perfeito que ele próprio. Após fazer algumas considerações sobre o mundo que o cercava, ele chega a duas conclusões:

1) Que não podia tirar do nada a noção de um ser mais perfeito que si próprio. Tirar do nada significaria que Deus não era dependência de sua própria natureza, e portanto, a noção estaria presente nele pelo que havia de falho em si mesmo;

2) Da mesma forma, a idéia de algo mais perfeito que fosse consequência e dependência de algo menos perfeito era repugnante e inverossímil, tanto quanto admitir que do nada provém alguma coisa.

Assim, Descartes conclui que a idéia de um ser mais perfeito que ele só podia ser inata, posta efetivamente por uma natureza superior, verdadeiramente mais perfeita que sua própria natureza. Além disso, uma vez que conhecia algumas perfeições que não existiam em si próprio, deveria haver uma outra natureza da qual a sua própria era dependente, e de quem teria recebido tudo o que ele possuía. Senão, ele mesmo poderia conferir a si a infinitude, a eternidade, a imutabilidade, a onisciência, e todas as demais perfeições percebidas em Deus.

Desta forma, Descartes insere Deus na sua filosofia, e o invoca algumas outras vezes para justificar determinados pontos de seu pensamento. Aludindo ao próprio Descartes e ao prefácio de OS PENSADORES, podemos dizer que a filosofia cartesiana é como uma árvore cujo tronco é a razão, de onde nascem os galhos que deram e

dão frutos colhidos até os dias de hoje. Mas esta árvore, expressão da filosofia cartesiana, tem seu tronco, na realidade, sustentado por raízes metafísicas¹⁰.

Conclusão

É inegável a grande contribuição que Descartes traz à filosofia e ao conhecimento humano. Num período conturbado, de abalo das instituições, onde o novo teimava em nascer e o velho insistia em não morrer, valendo-se, como estratégia de sobrevivência, da própria ameaça (e concretização) da morte de seus adversários; numa época abalada pelo descrédito em conhecimentos tradicionais, onde percebeu-se que havia uma chance real de que tudo, toda a filosofia, ciência, religiosidade, todo o conhecimento que havia servido até então para a construção do mundo em que se vivia tinha como base bancos de areia, Descartes propõe, de forma original, a solução para o impasse metodológico de então, contribuindo enormemente para o avanço da ciência e para seu redirecionamento epistemológico.

Ele acha uma saída que se contrapõe às teorias dos céticos, sinalizando a possibilidade da construção de um conhecimento de caráter novo, desta vez, apoiado solidamente na razão, e na certeza dos conhecimentos provenientes das idéias e noções muito claras e distintas. Descartes estrutura um método, que é sistemático e coerente. É o método que *levará* até a ciência, não é a *própria* ciência. Ele o utilizará em seus experimentos científicos, e verificará a sua eficácia. E terá tanta segurança nos resultados alcançados, que resolverá compartilhá-lo com o público, se bem que tomando algumas precauções na forma, para não deixar de viver o mais felizmente possível.

Descartes é um sujeito histórico, um homem que fez história, mas que, para tanto, foi igualmente influenciado pela história progressiva, vivida e carregada pelo conjunto da sociedade até aquele momento, através das relações materiais concretas, das construções tortas e desiguais das cidades, das quase indelévels impressões deixadas pelos antigos. A genialidade pela ruptura com esse mundo, com essa tradição, transforma-se, ao mesmo tempo e contraditoriamente, em pro-

funda omissão e conservadorismo, quando, também de forma contraditória, não se insurge contra suas instituições reguladoras.

Descartes isola a sua filosofia dos fatos sociais e históricos. Quer construir uma sociedade asséptica, livre da política e da contestação do *status quo* social, como se tal fosse realmente possível. Seu mundo é inteiramente projetado no intelecto, no plano do pensamento, e daí diretamente plasmado para a realidade, sem quaisquer mediações e intermediações sociopolíticas. Porém, a neutralidade cartesiana se mostra tendenciosa, pois que, na prática, ela significa o direcionamento a uma concepção de ciência destituída de juízos de valor, igualmente neutra e asséptica, livre de julgamentos e isenta de culpas. Pela ciência e em seu nome, se justificariam quaisquer atos, assim como inquestionáveis seriam seus achados e descobertas. A ciência, meio para promover a emancipação e o desenvolvimento da humanidade, acabara por se transformar, na modernidade, num fim em si mesma. De linguagem muitas vezes incompreensível para o homem comum, tornou-se muito mais próxima dele quando transformada em tecnologia, sendo massivamente difundida, o que contribuiu para posicioná-la no cerne de uma nova crise de paradigmas.

Descartes foi um homem medieval no tempo e renascentista no espírito. Quase poderíamos afirmar, sem receio de estarmos sendo rigorosos em excesso, que sua sujeição às instituições o colocaria no mesmo patamar de um homem mediano e seu contemporâneo, temente a Deus e obediente ao rei. Mas seu legado, seu método e sua filosofia nos revelam um espírito que expressou como poucos as profundas contradições e possibilidades de seu tempo. Um espírito livre, crente no potencial humano de superação de dificuldades, crente na capacidade humana de entendimento de sua própria natureza e na natureza do mundo. Alguém que, definitivamente, ao inaugurar um novo método para a ciência, ajudou na ressignificação de seu papel, e contribuiu para a redefinição de sua história.

Notas

1 Notadamente de aveia e outras forragens, semeadas na primavera, e usadas para alimentação dos animais.

2 GAUKROGER, 1999, p. 15.

3 OS PENSADORES – DESCARTES vol. I, 1987, p. IX-X.

4 Na verdade, Descartes percebe que sua própria existência é por demais curta para dar conta de todos os experimentos necessários ao aperfeiçoamento da ciência. Certamente a referência às *limitações individuais* não eram destinadas a si próprio.

5 Aqui o filósofo depara com outra dificuldade: a questão do financiamento da pesquisa. Já no século XVII a percepção deste problema faz com que Descartes inicie um não profundo, mas não menos importante, debate sobre o público e o privado no financiamento da pesquisa científica.

6 Havia restrição de autores e grande utilização de *comentadores*, aqueles que estudavam previamente o tema para orientar a discussão segundo o que preconizavam a *Ratio Studiorum* e a ortodoxia católica vigente. Algumas das partes teológicas da *Metafísica* de Aristóteles não eram ensinadas, e na medida do possível, seguia-se a recomendação de Inácio de Loyola, de ensinar a filosofia de Aristóteles tal como fora interpretada por São Tomás de Aquino.

7 Usei o Presente do Indicativo como tempo verbal para descrição da cadeia de razões por considerá-lo mais apropriado ao entendimento, e também, para conferir a atualidade que julgo ainda pertinente a esta construção filosófica.

8 Percebe-se aqui a desconsideração da história e das condições objetivas que levaram à construção de uma dada realidade.

9 “[...] como não basta, antes de começar a reconstruir a casa onde se mora, derrubá-la, ou prover-se de materiais e arquitetos, ou adestrar-se a si mesmo na arquitetura, nem, além disso, ter traçado cuidadosamente o seu projeto; mas cumpre também ter-se provido de outra qualquer onde a gente possa alojar-se comodamente durante o tempo em que nela se trabalha [...]” (IBID., p. 41).

10 “[...] Descartes compara a sabedoria a uma árvore que estaria presa ao domínio do ser, à realidade, por meio de suas raízes metafísicas. O tronco da árvore seria a física [...]. Os ramos representariam as principais artes que aplicam conhecimentos científicos [...]. Uma única seiva circularia por este complexo organismo [...]. [...] a imagem deixa perceber claramente que Descartes [...] não considera que (as pesquisas científicas) se bastem a si mesmas: o tronco da física sustenta-se em raízes metafísicas” (OS PENSADORES – DESCARTES vol. I, 1987, p. XIII).

Referências

ARRUDA, José Robson de A. **História antiga e medieval**. São Paulo: Ática, 1985.

DESCARTES, René. **O discurso do método**. In: OS PENSADORES – DESCARTES, vol. I. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

GAUKROGER, Stephen. **Descartes – uma biografia intelectual**. Rio de Janeiro: EdUERJ/Contraponto, 1999.

HUNT & SHERMAN. **História do pensamento econômico**. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

MARCONDES, Danilo. A crise de paradigmas e o surgimento da modernidade, In: Z. BRANDÃO (Org.) **A crise dos paradigmas e a educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

OS PENSADORES – DESCARTES vol. I. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

OS PENSADORES – MONTAIGNE vol. I. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

Abstract: This text aims to present an analysis from the main parts of Descartes' most famous work: the Discourse of Method. The text makes a historical context of the European environment in the XVIth Century, showing the contradictions of the decadent feudal system, which was no longer compatible with Renaissance's new economical-social-cultural order.

Within this context, Descartes appears and with his creativity and originality, organizes a method that is capable of taking humanity off the "methodological knot" imposed by the skeptics, contributing to the construction of a new paradigm, and establishing a new era to Science.

Key Words: Middle Ages, crisis of paradigm, Cartesian Philosophy.

Recebido: 17/12/2002

Aceito: 07/02/2003